

RESENHA



MUSICAL

F.C.

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons.^o Crispiniano, 79 - 8.^o andar — S. PAULO

ANO IV

SÃO PAULO — JANEIRO — 1942

NÚM. 41

O maior sucesso do ano!

**12 CANÇÕES POPULARES
RUSSAS**



Em todas as Casas de Musica

MEU MELHOR Negócio...



...minha residencia no
SUMARÉ
construida imediatamente
para ser paga a longo prazo

informações na

SOCIEDADE SUMARÉ LIMITADA

INSCRIÇÃO
N.º 28 NO REG.
DE IMS. DA 5.ª
CIRCUNSC.

RUA LIBERO BADARÓ, 282 - 4.º andar - FONE 2-0385



TIPOGRAFIA

Impressos em geral — Encaderna-
ção, Douração, Carimbos de Borra-
cha, Alto Relevo

PAPELARIA

Completo sortimento de artigos para
escritórios, desenho e escolares. —
Importação direta

J. PECORA & CIA.

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 325

Telefone, 2-5399 — S. PAULO



USAI

NAS VOSSAS
VIOLAS, VIOLÕES,

CAVAQUINHOS,

BANDOLINS,

E GUITARRAS

AS AFAMADAS

CORDAS VERDEGAES

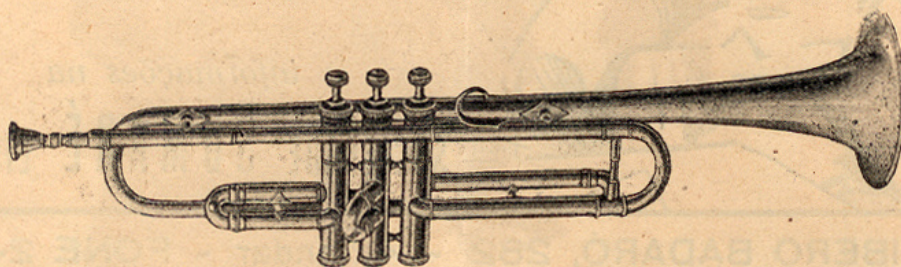
**"Sem
Rival"**



URIO BECCATO & IRMÃO

Rua do Gazômetro, 66 - Fone: 2-9977
SÃO PAULO

Industria Brasileira de Instrumentos Musicais "Weril"



Irmãos Weingril & Cia.

Sucessores de PEDRO WEINGRILL & FILHOS

LOJA

RUA BRIG. TOBIAS N.º 634

Telefone: 4-5561

FABRICA

RUA TAGUÁ N.º 128

Telefone: 7-5116

Caixa Postal, 480 — Ender. Telegr. "WERIL" — SÃO PAULO

Alexandre Levy

Do "Diário Popular", de São Paulo - 16 de Janeiro de 1942.

Faz hoje 50 anos que a arte paulistana perdeu o maior de seus músicos — Alexandre Levy.

Nascido na capital, no Pátio do Colégio, aos 10 de novembro de 1864, filho de Henrique Luiz Levy e D. Laurette Chassot Levy, principiou seus estudos de piano com o professor Louis Maurice, de origem russa, já antigo em São Paulo.

Fez rápidos progressos, tendo continuado, mais tarde, com o professor Giraudon, francês.

Dirigido por êsses profissionais, entendeu, entretanto, que não lhe bastavam suas lições e procurou maiores conhecimentos, com o estudo sistemático de harmonia tomando, como professor, o sr. George von Madeweiss, e mais tarde, o sr. Gustavo Wetheimer, austríaco, especializado na matéria.

Este último notou, logo, que o rapa tinha talento e aprendia com extrema facilidade, tanto que, algum tempo depois, declarou aos pais do moço que nada mais tinha que ensinar e só lhes restava mandá-lo à Europa, afim de se aperfeiçoar na arte musical.

Levy, entretanto, fundara com seu irmão Luiz, seu pai, amadores e estudantes de Direito e amigos, o Clube Haydn, introduzindo o gosto pela música clássica, até então quase desconhecida na terra paulopolitana.



O que foi essa sociedade, frequentada pelo escol de S. Paulo, di-lo o progresso musical dêsse tempo, com os 31 concertos realizados, e dois grandes acontecimentos de relêvo, por ocasião da presença do ex-imperador D. Pedro de Alcântara e família imperial que assistiram aos concertos, sob a direção de Levy.

A primeira regência do moço foi a "SINFONIA" em ré maior, de Haydn.

Os recursos do Clube eram contudo, um tanto reduzidos e a orquestra, difícil de organizar; pois, não havia profissionais, sendo os elementos apanhados entre negociantes, empregados, estudantes, êstes sobretudo da Faculdade de Direito, seus amigos que, pouco práticos, completavam os elementos esparsos da massa orquestral.

Levy andava, de "tilbury", único meio rápido de condução, naquele tempo, à cata dêsses músicos improvisados, para formar o conjunto necessário.

Que luta, para os ensaios!

Apesar dêsses contratempos, conseguiu fazer ouvir em S. Paulo algumas sinfonias de Haydn e Beethoven, "Lustigen Weiber von Windsor" de Nicolai, Concerto em sol menor, op. 25, de Mendelsohn, para piano e grande orquestra, tendo como solista

seu irmão Luiz Levy, também considerado como notável pianista nessa época; "Air de Ballet", das "Scènes Pittoresques", de Massenet, e outras obras de fôlego, introduzidas pela primeira vez no Brasil.

Antes de partir para a Europa, Levy deu o último concerto do Clube Haydn, em 1887, com a execução da "Polonaise" de Chopin, op. 22, completa, com acompanhamento de quinteto de cordas.

A interpretação primeira dessa composição valeu-lhe uma ovação da assistência.

Com a partida da alma do Clube Haydn, com grande pesar dos cultores da boa música, dissolveu-se essa grande divulgadora dos mestres da divina arte.

Em Paris, como se achava em férias o Conservatório, teve Levy como professor Emile Durand, que o considerava muito.

Ao mostrar-lhe suas composições impressas no Brasil, recebeu do mestre francos elogios, dizendo-lhe este que lhe agradavam muito.

Com Ferroni, obteve, também, lições, procurando o professor italiano levá-lo à Itália, e matriculá-lo no Conservatório, o que, por motivos imprevistos, não pôde Levy aceitar.

Fôra, entretanto, convidado para a recepção que a família Barão de Arinos fizera a D. Pedro II e sua comitiva, tendo-se feito ouvir, com grande sucesso, nessa reunião.

Frequentou grandes concertos, em Paris, na "Ópera", Opera "Comique" e outras organizações notáveis da Arte Francesa; os "Lamoureux", "Colonne", assistiu ao centenário do "D. Juan", sob regência de Gounod e a grandes execuções dos mestres.

As saudades da terra, contudo, fizeram-lhe vir à memória a velha canção popular "Vem cá Bitu" e daí a idéia das "Variations sur un thème populaire brésilien" que hoje se encontram, do original, para piano, transcritas, para orquestras, por mestres como Leopoldo Miguez, brasileiro, Bernardo Moreira de Sá, português, e o nosso grande regente Mehlich, alemão, atualmente residente na capital.

Esse trabalho, dedicou-o a seu antigo mestre Wertheimer.

Nessa composição, verdadeira jóia musical, sente-se a saudade da pátria querida, e o trabalho revela grandes conhecimentos de harmonização.

Regressou de Paris, em 1887.

Compulsava os maiores mestres da música, entre os quais Beethoven, Haydn, Wagner e outros, que lhe eram familiares, assim como a literatura brasileira e estrangeira.

Foram editadas suas composições por várias casas musicais estrangeiras, como Roeder, Schott, Lucca, Ricorti, etc..

Carlos Gomes tinha-o em grande consideração e, a seu pedido, fez Levy um trabalho sobre o "Guarany" a 2 pianos, quando o compositor campineiro esteve em São Paulo.

Levy dedicou-lhe essa fantasia que foi executada em concerto de benefício da filha do maestro campineiro, na noite de 15 de setembro de 1880, e executada pelo autor e por seu irmão, Luiz.

O maestro Gomes fê-la editar em Milão, na casa F. Lucca.

Até 1882, foram publicadas "Impromptu — Capriche", "Tosca", para 2 pianos, "Trois Improvisations", "Valse — Caprice", "Mazurkas", nos. 1 e 2; "Tarantela" a 4 mãos.

Existe inédito o "Deuxième Impromptu".

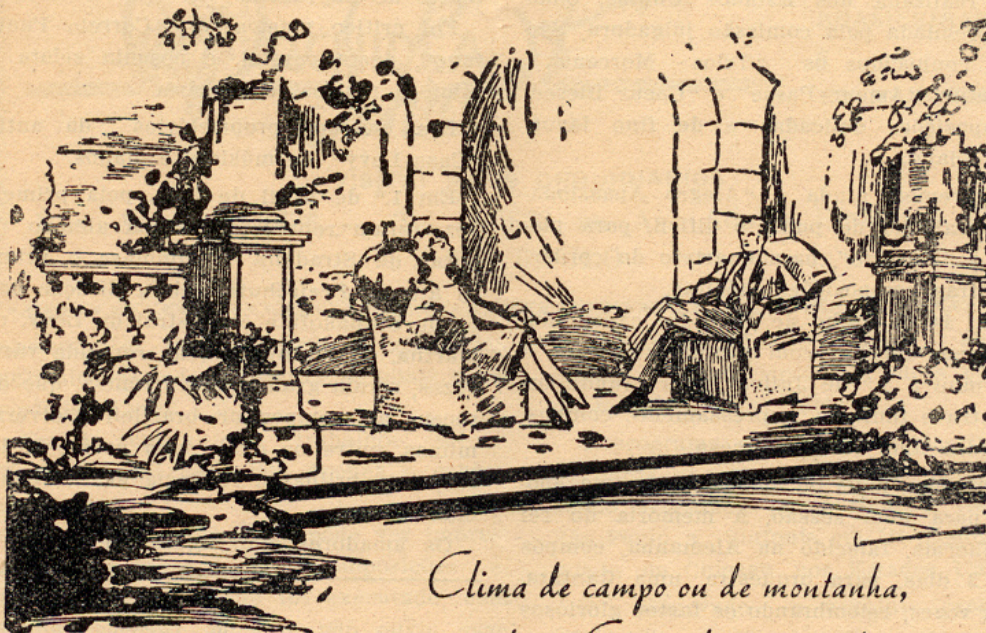
Pelo violinista Cernichiaro em 5 de Maio de 1883 em concerto, foi executado o Trio em si bemol.

Além de outras composições, escreveu o primeiro quarteto de cordas, dedicado a seu amigo e admirador Leopoldo Miguez, a quem tanto estimava.

Dessa composição existe um arranjo para piano, a 4 mãos.

Trabalho de valor é a "SINFONIA" com as partes — **Largo e Allegro molto; Andante romântico; Scherzo, Final, e Allegro molto vivo.**

Foi em 1886 que principiou a escrever essa sua "Symphonia em mi menor" (para grande orquestra), em 4 partes, a qual



Inscrições Ns. 8, 11 e 14, nas 26, 44 e 54 Circ.

*Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no*

*Jardim — América
ou no
Pacaembú*

*— as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.*

COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul estabelecida em S. Paulo desde 1912
89. RUA LIBERO BADARO

mais tarde, após o falecimento do autor, foi remetida para uma Exposição Universal, realizada nos Estados Unidos, onde foi premiada pela comissão julgadora. São bem conhecidos os "Trios Morceaux", "Doute", "Amour Passe" e "Coeur Blessé", composições delicadas e de fino lavor, para piano.

Citaremos, ainda o "Alegro Apassionato", trabalho de pulso e difícil, para piano; a "Rêverie", para quarteto de cordas, e outras composições inéditas.

Em 14 de Julho de 1889, foi executado, em cena aberta, com grande sucesso o "Hymne à 1.º de Juillet" para grande orquestra e fanfarra, expressamente composto para uma festa francesa.

Também, mais ou menos na mesma época, para uma sessão, à memória do rei Guilherme, falecido na Alemanha, compôs em 2 dias, para orquestra, uma **Cantata**, com vozes, relembrando os fastos gloriosos da vida daquele monarca germânico.

Para canto e piano, ainda, inéditos, temos "De mãos postas", em português e "Almons" em francês, ambas com letra de Horácio de Carvalho.

Para o "Diário Popular" compoz em Abril de 1890, o seu afamado "Tango Brasileiro", que hoje corre mundo e tem sido copiado e imitado por vários amadores do alheio engenho.

Obra de fôlego como a "SINFONIA", é a "COMALA", para orquestra, peça, descritiva com poema de Ossian, considerada como obra prima, da qual existe em arranjo para dois pianos.

Outro monumento artístico é a "Suite Brésilienne", para orquestra, composta de — Prelúdio, Dansa Rústica — Canção triste — À beira do Regato — Samba — na qual são intercalados trechos populares brasileiros, então em voga.

Sua "Schumanniana", peça de fino lavor, para piano, constitue trabalho de valor, consagrado à memória do pranteado mestre alemão.

Grande admirador de Wagner, começara

Levy a estudar o alemão, unicamente para ouvir as notáveis obras do mestre, em seu teatro de Bayreuth.

Foi crítico musical do "Correio Paulistano", desta capital, e possuía seleta biblioteca musical e literária.

Era um dos proprietários da antiga "Casa Levy", de músicas e pianos.

Em 1.º de Abril de 1889, pela primeira vez, foram representadas em alemão as obras de Stradella, seguindo-se o primeiro ato do **Freischütz**, sob a direção cênica de Stupakoff e orquestral de Levy, e a **Martha**, de Flotow, a qual, repetida várias vezes, atraiu grande concorrência, que ofereceu, ao compositor brasileiro, diversos mimos, entre os quais uma corôa de louros, pela brilhante regência dessas conhecidas óperas.

Os amadores, que figuraram nessas re-



Shirley
62 peças
365\$

Kurt
61 peças
225\$

521/36
61 peças
235\$

SERVIÇOS DE MESA
Crystaes de Mesquita

CONSULTE-NOS SOBRE OUTROS MODELOS
ACCEITAM-SE PEDIDOS DO INTERIOR PARA
DESPACHO URGENTE E GARANTIDO

SECÇÃO DE VAREJO

RUA DO CARMO, 427 (Antigo 71)
TEL. 2-7545 — SÃO PAULO



ORCHIDEA
Schmidt

ORQUIDEAS
BRASILEIRAS
E
ESTRANGEIRAS

VISITAI MEUS ORQUIDIARIOS

Rua Augusta, 2786 — Tel. 8-3679 ou Av. Adolfo Pinheiro, 4720
SÃO PAULO

apresentações, faziam parte de conhecidas agremiações tedescas, entre as quais a sociedade "Lyra".

Um de seus últimos trabalhos foi o **Trio**, do qual nos resta apenas o esboço do **Finale**.

Infelizmente, Levy não pôde ver impressa grande parte de suas composições e, tirante o **Samba**, que foi executado, com grande sucesso, no Rio, não ouviu suas melhores produções para orquestra.

Alexandre Levy faleceu repentinamente em 17 de janeiro de 1892, há cinquenta anos e suas composições acham-se esgotadas, mas, serão re-impressas, conforme nos declarou o seu único irmão sobrevivente, o sr. dr. Maurício Levy.

Para terminar, transcrevemos o que, sobre Levy escreveu o grande compositor brasileiro, Leopoldo Miguez:

"Quando na poética Itália, na expansiva França e na culta Alemanha forem ouvidas a sua grandiosa **"SYMPHONIA"**, a sua admirável **"SUITE BRÉSILLENNE"**, a sua inspiradíssima **COMALA**, e tantos outros produtos da sua elevada imaginação e lhe renderem o preito devido ao seu prodigioso talento, o Brasil poderá então aquilatar a perda ingente que acaba de sofrer".

GRANDE CONCERTO SINFÔNICO

O Departamento Municipal de Cultura comemorou a 18, o cincoentenário do fa-

lecimento de Alexandre Levy, com um grande concerto sinfônico sob a regência do maestro Sousa Lima.

O programa compoz-se exclusivamente de obras daquele compositor paulistano, sendo executada pela primeira vez em São Paulo, a **"Sinfonia em Mi menor"**, premiada em Chicago, nos Estados Unidos.

Foi observado o seguinte programa: **"Sinfonia em Mi menor"** — Largo, allegro molto; andante romantico; scherzo; allegro molto vivo, em 1.^a aud. **"Andante"** — (Para cordas). **"Comala"** — (Poema sinfônico); **"Suite Brasileira"** — Prelúdio. À beira do regato; Samba.

NOVIDADE EM
SÃO PAULO

CONFEÇÃO FINA SOB
MEDIDA

por preços convenientes, organizada pelo sistema americano

D.^a Margarida

AV. ANGÉLICA N. 2065
(Perto da Avenida Paulista)

Apólices Populares Paulistas

Relação das apólices premiadas no 26.º sorteio ordinário, realizado no dia 31 de Dezembro de 1941, conforme ata da Bolsa Oficial de Valores publicada no "Diário Oficial":

1.º PRÊMIO	— 853.340 —	MIL CONTOS DE RÉIS
2.º "	— 080.308 —	CEM CONTOS DE RÉIS
3.º "	— 585.974 —	VINTE CONTOS DE RÉIS
4.º "	— 051.411 —	DEZ CONTOS DE RÉIS
5.º "	— 342.732 —	DEZ CONTOS DE RÉIS
6.º "	— 840.173 —	DEZ CONTOS DE RÉIS

50 PRÊMIOS DE 1:000\$000 CADA UM, SOB NÚMEROS:

027.837	158.163	324.650	489.090	640.904
048.352	159.216	349.170	509.899	679.486
057.246	161.323	383.806	519.960	701.234
066.553	169.790	398.510	539.721	716.482
079.384	237.631	407.300	555.182	733.064
085.726	252.555	428.303	565.082	749.216
087.640	258.332	448.099	578.875	757.132
103.509	271.905	468.821	585.253	881.022
109.554	288.510	472.881	590.740	933.309
157.616	300.867	479.962	591.082	934.623

Os portadores das apólices acima poderão receber os prêmios no "guichet" de qualquer Banco desta Capital ou do Interior do Estado.

O próximo sorteio ordinário das Apólices Populares será realizado no dia 31 de Março de 1942, com a distribuição de Rs. 600:000\$ em prêmios, sendo o primeiro de quinhentos contos, o 2.º de cinquenta contos de réis, o 3.º de dez contos, e mais 40 prêmios de um conto de réis.

Banco do Estado de São Paulo

(BANCO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO)

CAPITAL REALIZADO Rs. 100.000:000\$000

FAZ TODA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCÁRIA

MATRIZ: SÃO PAULO

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: B A N E S P A

Agências:

Araçatuba — Avaré — Barretos — Baurú — Braz (Capital) — Caçapava —
Campinas — Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — Franca — Ibi-
tinga — Itapetininga — Jaboticabal — Limeira — Marília — Mirasol — Novo
Horizonte — Olímpia — Ourinhos — Pirajuí — Pirassununga — Ribeirão
Preto — Santo Anastácio — Santos

Depósitos — Empréstimos — Cambio — Cobranças — Transferências
Títulos — As melhores taxas — As melhores condições
Serviço rápido e eficiente

Impressões

Norte

Americanas

Prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo

Colaboração especial para
a "Resenha Musical".

(I, II & III na "Resenha Musical" de Setembro, 1941, pág. 8).



IV

Washington, D. C., 22 de Outubro de 1941

Inaugurou, ontem, a temporada musical de Washington. Em **Constitution Hall** reuniu-se uma enorme assistência, que esgotou a lotação desse colossal auditório, afim de ouvir o primeiro dos seis concertos que aqui realizará a **Philadelphia Orchestra**, a cuja frente não está mais **Stokowsky**. Seu regente titular é, agora, **Eugen Ormandy**. Ele, **Sir Thomas Beecham** e **Toscanini** dirigirão os concertos em Washington. O programa de ontem era inteiramente consagrado a **Sergei Rachmaninoff**, como pianista e como compositor: ouvimos a sua **Sinfonia n. 2**, em mi menor, op. 27 e o seu **Quarto Concerto**, em sol menor, op. 40, consideravelmente remodelada durante este último verão. **Ormandy** dirigia a orquestra; ao piano estava o próprio **Rachmaninoff**.

Constitution Hall, em **18th Street**, com fachadas laterais para **C e D Streets**, é um

SIR THOMAS BEECHAM,
um dos maiores regentes da atualidade.

belo edifício, sóbrio, concebido numa nobre e repousante arquitetura (que não é regra geral nesta gigantesca Acrópole reeditada...) Internamente não tem beleza; é, mesmo, um pouco chocante para os nossos olhos acostumados ao acabamento mais refinado das salas de espetáculo no Rio e em São Paulo. Mas impressiona pelo tamanho; e a ausência de balcões dispostos em ordens superiores dá ao auditório um aspecto democrático, muito mais apropriado à comum exaltação pela música do que o brilhante aspeto da ferradura dourada dos nossos teatros. **Constitution Hall** tem, simplesmente, o formato de uma praça de esportes cuja pista tivesse sido transformada em platéia; e as arquibancadas, em formato de U, guarnecidas por confortáveis cadeiras.

Às 20,45, pontualmente, **Ormandy** subiu ao estrado para dar início ao concerto. Programa decepcionante; e nós, gulosos

Dr. Amaro Egydio de Oliveira Filho

CIRURGIÃO-DENTISTA

APARELHOS RAIOS X — DIATERMIA

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 404 — 8.º andar — Fone 5-4471 — S. PAULO

MODAS
para
HOMENS
e
SENHORAS

**OTTO
MEIER**

RUA CAIO PRADO, 375 TEL. 4-0397-S. PAULO

Especialista em calças para praia,
esporte, hípico, etc. — Confecção
fina de vestidos, manteaux e tailleurs


**Suportes
Siebner**
ORTOPEDISTA

Flexibilidade
Carateristico
dos nossos suportes

Um alivio para o
mal-estar dos seus pés.

**RUA AUGUSTA, 2514
TEL. 8-3089-S. PAULO**

Nas livrarias:

"UM TEMA E TRES OBRAS"

("Rebecca", "A Sucessora", "Encarnação")

Crítica Comparativa de Genésio Pereira Filho

Poucas vezes se terá visto, entre nós, um relato
assim fiel e completo de obras irmãs, com as
semelhanças e diferenças postas em tão vivo des-
taque". — MANUEL CARLOS DE FIGUEIREDO
FERRAZ.

de música, diante daquela admirável orquestra e daquele admirável regente, não podíamos nos furtar à consideração de que uma tão primorosa execução merecia mais valiosas partituras... Mas evidentemente o público não pensava como nós. O velho Rachamaninoff é um dos tabús da América do Norte... O seu nome faz milagres. E a imensa assistência aplaudia delirantemente aquele singular cossaco de cabelos aparados e *brosse carée* que, na segunda parte, se sentou ao piano para executar a nova versão do seu menos interessante *Concerto*. Fisicamente, pela sua atitude sentado ao piano, pelos seus movimentos duros, inexpressivos, pelas suas enormes mãos, ainda tão ágeis, ele nos lembra Arnaldo Estrela. Mas hoje em dia, sinceramente, eu prefiro a sonoridade e o vigor de técnica deste nosso santo de casa... E a sua música, depois de um programa inteiro a ele consagrado, deixou-nos na alma aquele desconsolador vazio das obras que não dizem coisas novas ou, mesmo, coisas velhas apresentadas com originalidade e profundidade.

No dia seguinte, conversando com Charles Seeger, que tem um medo pânico desses concertos e que, da sua longa experiência musical só conservou intata a capacidade de emoção que lhe causam as velhas baladas do bom folk natal, a Barbara Allen ou o John Henry, ele me dizia que para toda aquela gente reunida em Constitution Hall certos concertos eram como que uma obrigação de natureza religiosa; não se tratava de saber o que havia no programa; o dever era estar presente e aplaudir... Nós precisamos, no Brasil, fundar essa religião da Música... O preceito religioso é muito útil à disciplina individual e ao progresso da comunidade.

V

Washington, D. C., 30 de Novembro de 1941.

Fui apresentado, hoje, a Mrs. Elisabeth Sprague Coolidge. Beijei, com veneração,

a mão enluvada que me estendeu essa admirável senhora, que tem feito pela música de seu tempo mais do que qualquer outro de nossos contemporâneos.

Realizou-se à tarde, nesse incomparável salão de música de câmara que é *The Coolidge Auditorium*, na Biblioteca do Congresso, o concerto anual comemorativo da *Founder's Day*. Nele são apresentadas, exclusivamente, obras novas, especialmente escritas para Mrs. Coolidge e a ela dedicadas. Seus manuscritos originais estavam expostos em vitrines, no vestibulo do Auditório, junto com muitos outros, dos principais compositores modernos, que constituem a preciosíssima coleção de autógrafos das obras executadas sob os auspícios dessa grande animadora da música de câmara. As de hoje, eram: o *Quarteto n. 1, em ré menor*, de Randall Thompson (norte-americano), a *Quarta Sonata para piano*, de Alexandre Tansman (polonês) e o *Quarteto em ré maior op. 25*, de Benjamin Britten (inglês). Todas três datadas de 1941. As duas primeiras executadas em primeira audição.

O *Coolidge Auditorium* é, estou certo, um dos mais admiráveis salões para música de câmara, em todo o mundo. Sóbriedade absoluta de arquitetura; e condições acústicas de tal ordem que é suficiente transpor a sua pesada porta de couro para sentir-se, no ar, uma diferença: um silêncio estranho, a precisão, o contorno seco, nítido, sem nenhum eco, dos sons acaso emitidos. Assentos confortáveis, em ótimas cadeiras de veludo, cujas filas se acham dispostas com a diferença de um degrau de uma para outras. O pequeno palco, fica, assim, muito abaixo da porta de acesso ao salão. Este salão foi construído e doado à *Library of Congress* por Mrs. Coolidge. A *Library* também pertence a estupenda coleção de partituras autógrafas dos *Quartetos* especialmente encomendados por Mrs. Coolidge e a ela dedicados. E o *Coolidge Quartet* (William Kroll e Jack Pepper, violinos, David Dawson, viola, Uaoum Benditzky, violoncelo) é mon-



**Onde os
GRANDES MESTRES
revivem...**

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

S. A. NARDELLI
Pianos Brasil

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

PEDIMOS AOS NOSSOS PREZADOS ASSINANTES A FINEZA DE NOS AVISAR SEMPRE QUE HOUVER MUDANÇA DE ENDEREÇO, EVITANDO EXTRAVIOS NA REMÉSSA DA NOSSA REVISTA.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual		20\$000
Idem, semestral		12\$000
Número avulso		3\$000
Suplemento avulso		3\$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

tido especialmente para esses concertos graças à proteção da Fundadora.

Não é essa a única Fundação que funciona na **Libray of Congress**. A **Gertrude Whitehall Foundation** consta de um espaçoso salão onde, em luxuosas vitrines, como jóias num escrínio, se acham guardados os instrumentos de Stradivarius que anualmente são utilizados pelo **Quarteto de Budapeste** na série de concertos clássicos patrocinados pela Fundação. Uma coleção de autógrafos dos velhos mestres, de inapreciável valor, completa os mostruários desse salão. A **Gertrude Whitehall Foundation**, com os seus concertos executados pelo **Quarteto de Budapeste** em alguns dos mais famosos Stradivarius existentes (um quarteto completo), dedica-se à música clássica; a **Elisabeth Sprague Coolidge Foundation**, com os seus concertos constituídos principalmente por primeiras audições, interpretadas pelo **Coolidge Quartet**, consagra-se à música moderna e de vanguarda.

No programa de hoje o **Quarteto de Randall Thompson** era a obra mais conservadora, se bem que visivelmente construída com os recursos harmônicos de nossos dias. Um belo Quarteto que merece perdurar. O de Benjamin Britten (jovem compositor inglês de 28 anos) é uma obra fortemente original, falando um dialeto próprio, inconfundível, convincente. E a **Sonata de Tansman**, concebida na maneira habitual desse veterano da música moderna, carrega em seus ritmos vigorosos, uma tal rigidez de sentimentos, ou uma tal altivez, que a impressão que nos deixa é mais de respeito e admiração do que de simpatia e entusiasmo.

Foi esse o mais interessante concerto a que já assisti, neste início de temporada musical, em Washington. Mas na verdade, desde muitos anos, um concerto patrocinado por Mrs. Coolidge, é um acepipe real, para os amadores da música de câmara.



EUGENE ARMANDY
Diretor da Orquestra Sinfônica
de Filadélfia.

Chapel Hill, N. C., 2 de Novembro de 1941.

Tive ontem o meu primeiro contato com uma grande Universidade norte americana. E vivo, desde ontem, num mundo diferente, todo cheio de velhas casas e gente nova, recolhimento e entusiasmo, calmos gabinetes e bibliotecas, movimentadas reuniões esportivas, ensaios de teatro, de cântico, de orquestra, de banda, danças, o *gymnasium*, o *campus*. Estou maravilhado e emocionado.

Chegamos a Raleigh às 6 da tarde, num mau trem, que não recomenda o conforto afamado das linhas férreas norte-americanas, e que trazia mais de 1 hora de atraso. O meu prezado amigo Ralph S. Boggs, o folclorista, esperava-nos na estação e levou-nos, em seu carro, da capital do Estado de Carolina do Norte para a vizinha

Chapel Hill. Três quartos de hora, deslizando a 100 quilômetros horários pela esplêndida high-way, tão bem pavimentada e sinalizada como todas as que tenho percorrido neste país. Conhecemos, aqui, o verdadeiro outono, com o aspeto multicolor das árvores, que em Washington haviam passado, quase sem transição, do verde estival para a penúria de folhagem prenunciadora do inverno que se aproxima. Árvores aos milhares. Carolina do Norte é o Estado das florestas. Árvores que não assustam, de média altura, com a copa invariavelmente aparentando a forma de um cubo, indo do verde à mais rica variedade de alaranjados e de vermelhos.

Quando Boggs me anunciou que havíamos entrado em Chapel Hill, não pude perceber a diferença, da *highway* para a *main street* da pequena cidade universitária. A estrada continuava a correr entre aquelas árvores de Corot, oferecendo sempre novos e surpreendentes aspectos de coloração. Mas, por traz das árvores, distantes umas das outras, viam-se as residências dos professores, no padrão típico das casas de madeira, brancas, ou em tijolos escuros, com o pórtico branco e encolunado. Mais adiante, chegadas à calçada, a curta sequência de lojas: as *drug-stores*, *cafeterias*, *groceries*, *five-and-tens*, *gift-shops* e *shops* de todos os gêneros. E os primeiros edifícios da Universidade: um dormitório de moças, a casa do Presidente.

Depois do suculento jantar em casa do amigo Boggs, que tão gentilmente nos hospedou, obrigando-nos a cancelar os quartos já reservados em *Carolina Inn*, dirigimo-nos para o Departamento de Música da Universidade, onde me esperava o compromisso para uma conferência. Na noite de luar, clara e fria, tudo era novidade para mim. A Universidade, cujo *campus* tem a fama de ser um dos maiores e mais belos dos Estados Unidos, confunde-se com a pequena comunidade de Chapel Hill. Não tem pórtico; não tem muros ou gradis. Os grandes edifícios, construídos com mais de um século de distância, de uns para ou-

tros, têm diferentes estilos arquitetônicos. Aqui o *Playmakers Theatre* ostenta colunas coríntias em sua fachada vetusta, e a hera sobe pelas paredes laterais; foi a Biblioteca da Universidade, durante a Guerra Civil, e entre as suas preciosidades bibliográficas as tropas federadas guardaram os cavalos, quando tomaram posse de Chapel Hill. A *School of Law* tem o aspecto de um templo luterano, com o pequeno campanário de madeira no centro da cobertura. Mais adiante *Person Hall*, onde funcionam as aulas de *Department of Art* e onde as exposições se sucedem umas às outras, é um encantador edifício em estilo colonial, secular, mas cuidadosamente restaurado.

No Departamento de Música esperava-nos Glen Haydon, o eminente musicólogo e educador musical norte-americano, que é seu diretor. E foi para um encantador auditório, atento e cordial, formado por professores, moças e rapazes da Universidade, que pronunciei a minha conferência, no pequeno anfiteatro que é a sala de ensaios corais do Departamento. Quando terminei ouvimos discos brasileiros que Ralph Boggs pediu a um estudante para ir buscar em seu escritório. E discutimos problemas de folclore, de rítmica, de formação musical. Schinhan, um refugiado austríaco, que é um curso de *Musicologia Comparada*, trouxe, de sua sala de aula, maracás e outros instrumentos primitivos. O auditório da conferência, não era mais um auditório; transformara-se numa reunião inteligente e alegre, em que todos formulavam questões, tiravam conclusões do meu *paper*, e comentavam o que eu lhes dissera de novo acerca do grande *good neighbour*. Um jovem estudante aproximou-se de mim para indagar o que conhecíamos, no Brasil, a respeito da música artística norte-americana contemporânea; e ficou satisfeito e surpreso quando o informei que, por estes dias, devia estar chegando ao nosso país Aaron Copland.

Às 10 horas, largamos para a casa do Prof. Richard Jente, onde havia receção. Nosso carro rodava por novos caminhos, oferecendo-nos novos aspectos da Universi-

Empresa

Construtora Universal Ltda.

Filiais em todos os Estados e Agências no interior

Rua Libero Badaró, 103-107 — Telefone 2-4550

End. Telegr.: "Construtora" — Caixa Postal 2999

— São Paulo —

dade. Estudantes, aos pares, de braços dados, regressavam do *Gymnasium*, onde houvera dança. Elas trajavam longos vestidos, *manteaux* sobre os ombros, cabelos soltos ondulando à fri abrisa noturna. Num recanto do bosque, numa ravina natural do terreno, vimos, banhado pela claridade lunar, o Teatro Grego, com seus assentos de pedra, semi-circulares, convergindo para o *podium* negro e musgoso. Nesse teatro, ao ar livre, os estudantes representam Eschylo e Eurípides, Sophocles e Aristophanes.

Quando chegamos à casa do Prof. gente, onde nos esperava o bom calorzinho do fogo que crepitava na lareira e a amável com-

panhia de vários professores, seus convidados, eu tinha a impressão de ter conhecido um mundo novo, antes completamente ignorado por mim: uma verdadeira Universidade. Hoje de manhã, discutindo com Boggs, e inteirando-me da organização didática local, livre, cada ano aperfeiçoada pela experiência e pelos estudos dos *advisory boards* de professores, sem barreiras entre as diversas escolas, cujo funcionamento é inter-dependente e cuja fusão, no edifício espiritual da Universidade, é efetiva, aquela minha impressão foi se transformando em convicção. Isto, realmente, é uma Universidade.

**C
A
S
A

L
E
V
Y

L
T
D
A.**



MÚSICA HARMONIOSA DE

ÓRGÃO PARA RESIDÊNCIAS,

CAPELAS OU PEQUENAS IGREJAS

Casa Levy Ltda.

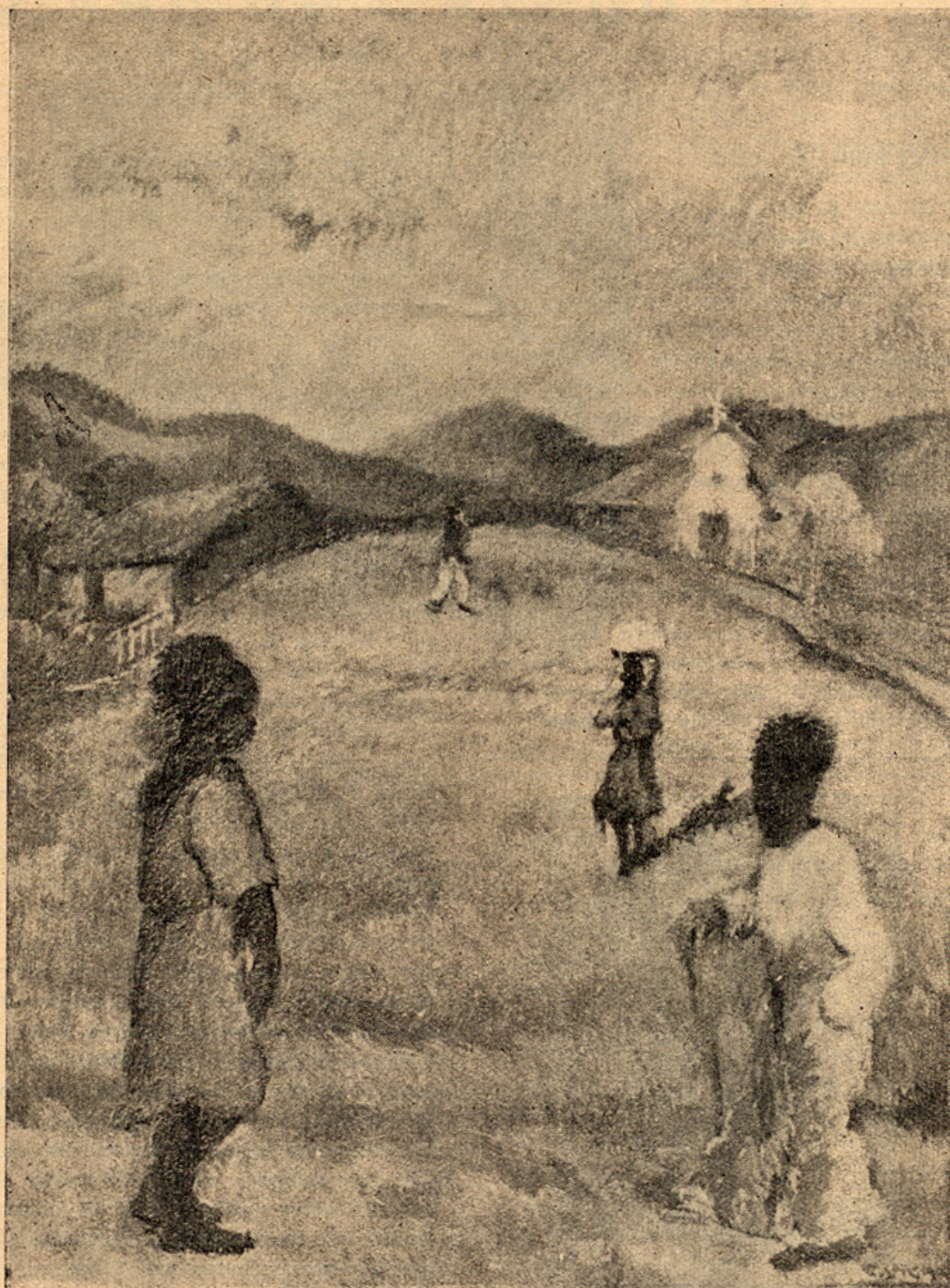
Únicos distribuidores

RUA BARÃO DE ITAPETINGA N.º 251

— FONE: 4-1751

— SÃO PAULO —

CESAR LACANNA



César Lacanna é uma força sadia, entre os pintores da nova geração. — Veja-se esta "PAISAGEM" de raro equilíbrio tonal. —

Concertos

Prof. Clovis de Oliveira

DEZEMBRO de 1941:

— Sob os auspícios da Sociedade Pró-Arte, realizou-se dia 15, um concerto do eminente pianista uruguaio Hugo Balzo.

— O Côro Metodista Central, sob a direção do ilustre maestro Alberto W. Ream, realizou, a 21, uma Audição de Natal.

— A Sociedade Cultura Artística, apresentou a 22, no Teatro Municipal, o célebre barítono Rolf Telasko, acompanhado ao piano pelo renomado artista Fritz Jank.

CONCERTO SINFÔNICO

Reg.: Francisco Mignone

Realizou-se a 9 de Janeiro, no Municipal, um concerto sinfônico sob a regência do maestro F. Mignone, promovido pelo Departamento Municipal de Cultura.



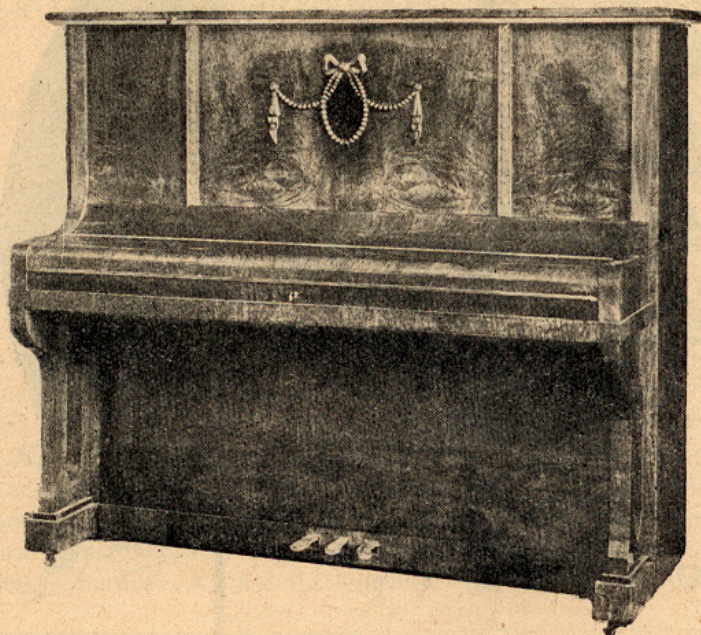
DE VIDRO OU DE METAL

Francisco Mignone é um nome que já se impôs no mundo artístico nacional e internacional pelo seu notável valor como compositor e regente. Como compositor caminha na vanguarda hombreando com uns poucos; e, como regente, é, inegavelmente, o sucessor do abalizado maestro Francisco Braga.

Nesta ligeira crônica, podemos, felizmente, falar dele nos dois setores que se impôs porque o eclectismo do seu programa permitiu a inclusão de duas composições suas antes inéditas, inspiradas respectivamente num poema do bailarino Vaslav Veltchék e num quadro do famoso pintor brasileiro Cândido Portinari, ambas para bailado. E, ademais, foi ele que impôs com sua extraordinária batuta, a interpretação maravilhosa mesmo, que o autor, melhor do que qualquer outro, trata com especial carinho suas obras. E as obras de Francisco Mignone, ora apresentadas, são valiosíssimas. Sua arte de orquestrar chegou a uma perfeição notável. Nela há timbres novos, coloridos novos, efeitos novos, como que tudo novo! É a técnica admirável e aperfeiçoada que possui aliada ao seu gênio criador exuberante e musical. Aquela linha melódica longa que inicia "Leilão" é de uma fineza que encanta. E como ela está disposta, é uma arte! Não só no "Leilão", também no "O Espantalho", há muitas riquezas. Porém, consideramos o "Leilão" superior ao outro. Em ambos a nossa admiração é encantada pelos quadros musicais plenos de beleza, de finura. Porém, o melhor elogio que podemos tributar a F. Mignone, como ele merece pelo que realizou e realiza, é patentear aqui o seu triunfo de 9 do cor-

M. SCHWARTZMANN

Piano de Categoria



É o mais fino instrumento que se pode exigir. É um bellissimo móvel que, além de adornar sua residência, lhe proporcionará momentos de cultura e agradável prazer.

Chapa interiça de metal
cordas cruzadas de aço
inoxidavel — Teclado
com 88 notas — 3 Pedais
Faça-nos uma visita ou
escreva-nos para:

AV. AGUA BRANCA, 524
S. PAULO

rente, talvez, o maior de sua carreira musical.

Não poderia ter sido melhor inaugurado o ano musical de 1942, em São Paulo.

ORQUESTRA DE CAMARA DA S. C. A.

Reg.: Souza Lima

Realizou-se a 16 de Janeiro, no Teatro Municipal, o concerto de apresentação da "Orquestra de Câmara da S. C. A.", organizada sob os auspícios da Sociedade de Cultura Artística, sob a direção do consagrado maestro Souza Lima, concerto esse que foi comemorativo ao 150.º aniversário da morte do genial compositor W. A. Mozart.

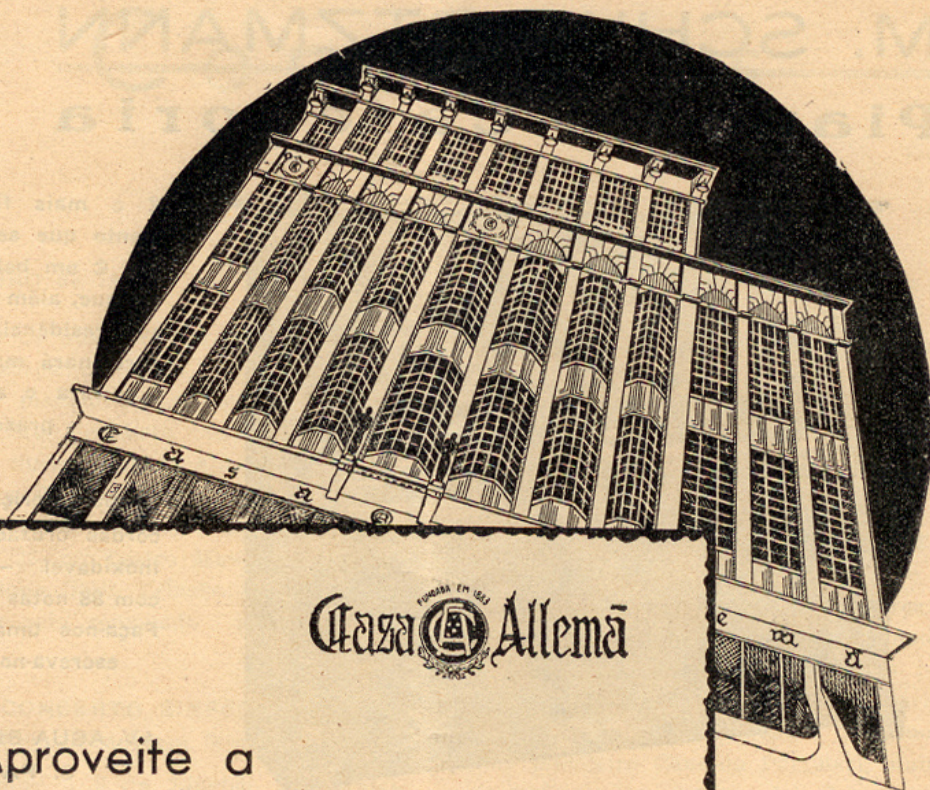
Como era de se esperar, a Orquestra de Câmara da Cultura, estreou com êxito. Infelizmente não lotava o Municipal, a totalidade dos sócios dessa benemérita so-

cidade, porém, acreditamos que o próximo concerto desse magnífico conjunto terá a presença de um público muito mais numeroso.

Souza Lima — como sempre — portou-se com aquele admirável senso artístico que todos admiramos. Sóbrio nos gestos — sempre delicados, firmes e exatos. Sua gesticulação é precisa e reflete as delicadezas de expressão.

Celina Sampaio, a solista dessa memorável noite de arte, que no gênero de câmara é uma artista de real mérito, confirmou seus dotes vocais e interpretativos. Muito merecidos os aplausos que colheu cantando o "Moteto "Exsultate, Jubilate".

E, finalmente, a Orquestra apresentou-se bem dirigida numa unidade absoluta, agradando plenamente as execuções, principalmente a da Sinfonia em sol menor, n.º 40.



Casa  Allemã

Aproveite a

Venda Especial

de Verão

Artigos de qualidade agora por

Preços Reduzidos

Schaedlich, Obert e Cia.

Rua Direita, 162-190

Crônica Musical da Cidade de Porto Alegre

Especial para "Resenha Musical"

Dr. Paulo Luiz Viana Guedes
catedrático do Instituto de Belas
Artes do Rio Grande do Sul.

Embora menos dotado que seus irmãos espanhóis para as manifestações artísticas, o povo português sempre teve certa propensão inata para as representações teatrais. Principalmente o drama, tão ao sabor da época, gozou de grande estima entre os primeiros povoadores de nossa cidade. E tanto é assim que, poucos anos após a fundação da metrópole, em 1794, era inaugurado o primeiro teatro de que temos notícia: A Casa da Comédia. De

proporções relativamente amplas para o meio — contava com acomodações para cerca de 400 pessoas — aí por primeira vez teve o portcalegrense contato com as manifestações de arte.

A data da fundação desse teatro, é, indiretamente, a mais antiga que registra a crônica musical da cidade, pois dessa época em diante, provavelmente, é que nasceu a preocupação do virtuosismo instrumental, o desejo de se fazerem mais admira-



GLUCOSE
GERA
ENERGIA!

ASSIMILE "GLUCOSE" DIARIAMENTE NA FORMA
DE BALAS — BONBONS — CAMELOS — ETC.

O EMBLEMA É SUA GARANTIA DE
QUE O PRODUTO CONTEM GLUCOSE



dos e por consequência uma maior perfeição sob o ponto de vista interpretativo.

Transformada mais tarde na Casa da Ópera, na atual rua do Uruguai, a par da realização de diversas obras dramáticas, as vezes fazia parte do programa um recitativo acompanhado de algum instrumento e a montagem de bailados simples acompanhados de orquestra onde tanto se distinguiram os nomes de Joaquim Gomes dos Santos Marques e Patrício A. da Câmara Lima, dois renomados bailarinos riograndenses.

A existência dessa orquestra é de suma importância, pois é ela, parece, o primeiro conjunto orquestral organizado de que temos notícia. (1) Composto de flauta, ocarina, gaita ou violão, além de outros instrumentos, foi esse conjunto que durante anos animou a vida artística da cidade então em formação.

Fora disso vivia a música nas serenatas, casamentos, batizados, aniversários ou nas festas de igreja em cujos coros cantavam todas as moças da época. Tinham elas tanto brilho que seguidamente era contratado para nelas tocar um célebre organista riopardense chamado Lino, que, diziam ser perito em sua arte. Outro nome digno de nota é o de um tal Corrêa, músico muito conhecido quer como professor, quer como intérprete, e que tantos louros obteve figurando nos programas da Casa da Ópera.

Mas um dos fatos de maior importância para o desenvolvimento de nossa vida musical, foi, sem dúvida, a vinda para esta cidade do Maestro Joaquim José de Mendanha, Natural da cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, onde nasceu no ano de

1801, Joaquim José de Mendanha aqui chegou por ocasião da Guerra dos Farrapos e por cá se deixou ficar enquanto durou sua longa existência.

Músico apaixonado por sua arte, regente em sua terra natal da banda do 2.º Batalhão de Fuzileiros, mestre Mendanha para nosso bem, terminada a Revolução Farroupilha radicou-se em nosso meio devotando-se inteiramente à cultura musical. Professor de uma infinidade de alunos entre os quais Feliciano Antônio Vieira, Francisco Augusto Guimarães, Joaquim José da Rocha, João Carvalho e Silva, Antônio Joaquim de Sousa, João Ferreira de Lima, Manoel Fernandes de Santana, Jacinto Francisco dos Santos, Lourenço Cunha, Honório de Almeida Porto, Luiz Pereira, Emília do Souto Maior, Matilde Pereira, Francisca Cordeiro, Marcolina C. Barreto, Augusta Candiani, Ernestina Paranhos Ervedoza (essas últimas integrantes do cântico que regia) e tantos outros, Joaquim José de Mendanha marcou de maneira decisiva o seu nome na história do nosso patrimônio artístico-musical. Professor, regente, compositor Mendanha não poupou esforços no sentido de uma maior difusão musical. Assim é que, logo após a paz farroupilha, fundou com elementos da banda de seu batalhão e alguns de seus melhores discípulos uma orquestra sinfônica para que o autor do Hino Republicano escreveu diversas obras.

Das suas produções quasi tudo se perdeu. Elas se repartiam em todos os gêneros; marchas, hinos, músicas festivas e sacras de que vive ainda na memória de tantos os famosos septenários que compôs para o cântico da igreja de N. S. das Dores. Mas não se perdeu o seu esforço, não se perderam os ensinamentos ministrados a centenas de alunos, não foi perdido o entusiasmo que norteou a sua vida e que a dividiu entre mil ocupações pelo levantamento de nosso nível artístico. Não foi em vão que, lutando contra mil adversidades fundava em 7 de Janeiro de 1856 a Sociedade Musical Portoalegrense, a que se-

1) Propositadamente dizemos ser ela a mais antiga de que temos notícia, pois não é crível ter sido de fato a primeira a existir, lugar que forçosamente cabe ao conjunto de músicos anônimos que animou o primeiro baile aqui realizado.

D. Copenhagen

FILIAL NO RIO:

Rua Buenos Aires, 52 — Tel. 43-9740

MATRIZ — SÃO PAULO:

Rua Dr. Miguel Couto, 28 e 41
Telefone 3-3406

•

FABRICAÇÃO
DE
ESPECIALIDADES
EM

MARZIPAN

E

Chocolates



Casemiras, Brins e Linhos, nos
mais variados padrões, V. S.
encontrará na

Casa Alberto

LARGO SÃO BENTO N.º 40

Fone 2-2336 — S. PAULO

RUA FREI GASPAR N.º 39

Fone 4-476 — SANTOS

guiram a União Musical Brasileira a Musical Rio-grandense, a Musical 7 de Setembro, todas filhas de sua vontade inquebrantável e cujo número é bem um índice da luta que teve que enfrentar contra o meio em prol de seu grande ideal. Por isso, é o seu nome para nós o símbolo da cultura musical portoalegrense na segunda metade do século passado e quando em 1.º de Setembro de 1885 fechou para sempre os seus olhos pôde levar consigo a certeza de ter enchido de música mais de meio século.

Outro fato de magna importância no estudo do desenvolvimento de nossa cultura musical foi a fundação da Sociedade Filarmônica Portoalegrense. Inaugurada por um grupo de entusiastas no dia 28 de Julho de 1878, teve essa agremiação, no decorrer de seus quase vinte anos de existência, como presidentes os snrs. drs. José

de Araujo Brusque, Firmino de Azambuja Rangel, Guilherme Adolfo Luce, Vasco da Silva Feijó, Jaime Paradedda, Francisco José Veloso, Alfredo Schutt, Francisco Velho Júnior, Júlio Issler, e congregou em seu seio o que havia de fino na sociedade de nossa metrópole. O interesse que despertavam suas realizações foi imenso como se depreende da leitura de seu quadro social, que chegou a ultrapassar a 450 matrículas, dando, por exemplo, em 1884, uma receita de 5:826\$000, quantia rara de ser atingida por nossas sociedades atuais!

Associação abastada materialmente e sob uma direção entusiasta e inteligente vastíssimo foi o seu campo de ação. Além da realização de concertos onde figuravam uma orquestra própria sob a regência dos maestros Luiz Roberti (diretor da Revista Musical "O Guarani" que aqui circulou de 1887 a 1890 junto com "O Pro-

gresso", outro periódico artístico), Tomaz Legori e José Stot e um cõro misto que obedecia a direção de D. Clara Schutt, Ernestina Haensel, D. Carlota Vieira, D. Sofia Veloso, D. Amanda Olinto e tantas outras senhoras, além da estudantina apresentada pelo maestro Eduardo Martim, fino violinista e acatado professor de música, de D. Leocádia Felizardo e Adolfo Muller e da apresentação de solistas diversos como o snr. Voigt, Joaninha Rasmussen, Sofia Veloso e tantos outros, a Filarmônica Portoalegrense mantinha gratuitamente aos sócios aulas de música inteligentemente ministradas pelos professores Luiz Roberti, Lourenço Truco, Francisco Pedotti, Engênio Costa, Giovanni Panissi e Roberto Stella. Esse último, violinista de alta escola, foi o propagador em nosso meio da música de Beethoven, autor cujo prestígio era ainda quasi nulo para nós que vivíamos maravilhados ante as acrobacias dos pianistas românticos executantes das famosas "Fantasias" sob trechos de óperas conhecidas

A essa sociedade, pelo papel preponderante que teve em seu tempo caem as glórias de ter sido um dos órgãos mais eficientes na educação musical de nossa cidade. De finalidade altamente educativa quer por suas realizações musicais, quer pelo ensino a que se dedicava a Filarmônica, espalhando páginas sinfônicas de Weber, Rossini, Auber, Meyerbeer e tantos outros, além de obras corais e instrumentais diversas, congregando em seu meio a nata de nossa sociedade artística criou em Pôrto Alegre um interesse musical, um público numeroso capaz de aplaudir artistas do valor de um Friedenthal, de um Viana da Mota, de um Moreira de Sá, ou conjuntos como aquela grande Companhia Lírica que em 1879 estreava no Teatro São Pedro com a "Aída", de Verdi. Esse conjunto que reunia artistas de primeira grandeza da cena lírica de então e viajava com numeroso cõro, corpo de baile, além de uma orquestra de primeira ordem, aqui montou, entre outras óperas, a

"Norma", de Bellini, "Os Huguenotes", de Meyerbeer, a "Traviata", de Verdi, óperas que imortalizaram o nome do tenor Bulterini, primeiro artista da Companhia.

Tão intensa foi a ação da Filarmônica, tão apreciável o interesse pelas realizações musicais que soube despertar que, em Março de 1882, realizava-se o concerto inaugural de mais uma sociedade: a "Associação Musical Carlos Gomes", cujo presidente fundador foi o dr. Firminiano Antônio de Araújo.

Com a aproximação da República, a Filarmônica, filha do Império, desapareceu. Mas não desapareceram os frutos providos de seus vinte anos de luta em prol da causa musical. Trabalhando com afinco por uma maior difusão artística entre nós, conseguiu ela criar um interesse mais amplo, formar um ambiente capaz de realizações musicais mais sérias. E foi essa época promissora que viu surgir, a par de outros compositores, a figura de José de Araújo Viana, sem favor algum, o maior de nossos músicos.

Encarnação perfeita do espírito da época e do meio em que viveu, Araújo Viana, sem fazer regionalismo em arte, foi bem a expressão da maneira de sentir da sociedade de seu tempo. Nascido em Fevereiro de 1872, aqui recebeu suas primeiras lições de piano e música com o Maestro Tomaz Legori, professor de várias gerações riograndenses. Mas a velha fascinação romântica que ainda então exercia entre nós a Itália, o atraíu. Completada a maioridade, para lá embarcou em busca de mais largos horizontes artísticos, estudando em Milão sob a direção dos maestros Vincenzo Ferroni e Amintore Galli. Sempre no intuito de mais ampliar seus recursos esteve ainda em Paris aprofundando-se nos segredos de sua arte. Depois, voltando para sua terra natal, dedicou-se inteiramente ao desenvolvimento cultural de nossa metrópole. Artista sincero, pianista excelente, foi um dos introdutores em nosso meio dos velhos mestres do classi-

Grande Liquidação Semestral

VISITEM AS NOSSAS EXPOSIÇÕES
E VERIFIQUEM AS GRANDES VANTAGENS QUE

Oferecem os nossos preços

GRANDES REDUÇÕES EM TODAS AS SECÇÕES

AO PREÇO FIXO S/A

RUA DIREITA, 250-254
S. PAULO

RUA QUITANDA, 157
SANTOS

cismo musical, sendo nessa tarefa indiretamente auxiliado por Roberto Stella e Ida Brandt, que, como outros, se batiam pelo mesmo fim. Professor, regente, pianista, compositor, o seu nome estava ligado à tudo que se relacionasse com música.

Criador de obra numerosa, quer para Piano, quer para Canto, Araujo Viana ilustrou por duas vezes a cena lírica com suas óperas "Carmela" e "Rei Galaor". A primeira, em dois atos, sobre libreto italiano de Heitor Malaguti, foi estreada com grande êxito no Teatro São Pedro, em 17 de Outubro de 1902, pela Companhia Lírica Garbini e Dal Negro. Tamanho foi o sucesso obtido que, em 1906, era levada à cena cinco vezes consecutivas no Rio de Janeiro, sob a direção da respeitável ba-

tuta, dessa glória nacional, que é o Maestro Francisco Braga.

A partitura do "Rei Galaor", escrita em libreto de Eugênio de Castro, apresentada pela primeira vez à imprensa carioca, no dia 28 de Agosto de 1913, pouco mais tarde, subia gloriosamente à cena do Municipal.

Com tais óperas impôs o seu nome à admiração do povo de sua terra e, com justa razão, suas composições foram espalhadas na época. Qual a cantora riograndense que, nos primeiros anos de nosso século, não trazia em seu repertório "Sur l'eau", "Maria", "Amor" ou esta deliciosa "Prece infantil"? Qual o pianista que se furtava ao prazer de executar páginas como "Espanha", "Rêverie", "Festa Napo-

SEU RADIO TEM DEFEITO ?

Concertos garantidos a preços
módicos peça orçamento à

Radio Técnica Schultz

Rua Major Sertório N.º 209

Telefone: 4-4568

S. PAULO

Auro Soares de Moura Andrade

ADVOGADO

Largo da Misericórdia, 23, 10.º andar,
salas 1004/6 — Fone 2-5730 (Edifício
"Ouro por São Paulo") — S. PAULO

"Resenha Musical"

BIBLIOTECAS, DOS MAIORES HOTEIS E CLUBES DO PAIZ
PÓDE SER LIDA NAS SALAS DE LEITURA DAS PRINCIPAIS

litana" e tantas outras? É que os artistas de seu tempo souberam fazer justiça ao seu talento criador, espalhando sua obra por todos os cantos de sua terra, esta terra que a ele tanto deve, esta terra que, além de sua obra, dele recebeu a doação de duas entidades de magna importância na formação de nossa cultura estética: o "Club Haydn" e o atual "Instituto de Belas Artes". O primeiro, continuação do "Instituto Musical Portoalegrense", instituição que durou pouco, foi fundado no "Casino Católico", em 20 de Fevereiro de 1897, por um grupo de artistas e amadores, entre os quais José de Araujo Viana, Dr. Olinto de Oliveira, dr. Dias Campos, Robert Scabel, Arlindo Caminha, dr. Birnfeld, dr. Severiano do Rego, Plínio de Freitas, J. B. Ervedoza, Carlos Naschold, Alferes Artur Moura, Ataliba Osório, Manoel Carvalho, dr. Brunard e Cristiano Reis.

Desde o concerto de estréia, em 2 de Abril de 1897, soube o "Club Haydn" imprimir a seus programas um cunho altamente educativo. Com um público de 29 pessoas inaugurava sua série de concertos — hoje elevado a 148 — com o programa que, a título de curiosidade transcrevemos:

I.a parte

HAYDN — Quarteto n.º 17.

(Violinos: César Fossati e Amadeu Lucchesi. Viola: Adolfo Simm. Violoncelo: Luiz Coelho).

II.a parte

SCARLATTI — Minueto da Sonata em fa menor.

(Piano: Araujo Viana).

ARAUJO VIANA — L'organetto.

(Canto: Glória Taborda, acompanhada pelo autor).

WEBER — Trio, op. 63.

(Piano: Romano Danis. Violino: César Fossati. Violoncelo: Luiz Coelho).

CARLOS GOMES — Ciel di Parahyba.

(Canto: Glória Taborda, acompanhada por Araujo Viana).

DANCLA — Sinfonia concertante.

(Violinos: César Fossati e Amadeu Lucchesi. Viola: Adolfo Simm. Violoncelo: Luiz Coelho. Piano: Romano Denis).

(Conclúe no próximo n.º)

Indicador Profissional

Clovis de Oliveira

Ondina Bonora de Oliveira

— Piano —

Rua D. Eliza, 50 (Perdizes) — Fone: 5-5971

Franco Cenni

Prof. de Desenho e Pintura

Rua Pe. João Manuel, 693 — Fone: 8-3109

Angelo Gayotto

— Cirurgião Dentista —

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 hs.

R. João Bricola, 10 - 5.º - s. 534-535

Fone: 2-3314

Samuel Archanjo dos Santos

Piano — Harmonia — Teoria

Alameda Barão de Piracicaba n.º 830

CURURU' - "Folk-Song" Paulista

(Especial para a
"Resenha Musical")

DR. DALMO BELFORT DE MATTOS
Da Faculdade de Direito e da Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo.

Quatro de Janeiro de 1942. Grande animação no "Bar Balalaika", pondo uma nota moderna no ambiente atualizado do "Parque Antártica".

O grande salão está cheio de gente. Mas, um público diverso dos frequentadores habituais. São músicos **folcloristas**, intelectuais. Alguns pretos, também, atraídos pelo noticiário dos jornais.

É que se vai realizar uma demonstração do "curucú". Dança popular, tipicamente paulista. Que se dilue, agora, ao contacto das músicas modernas. E que, apenas, sobrevive nas "zonas velhas", no tradicionalismo de algumas cidades do "Norte", e da Média Sorocabana.

Vão defrontar-se quatro cantadores de fama. Agostinho Agular, "campeão" de Piracicaba, medir-se-á no desafio, com Sebastião Roque, o melhor cururuzeiro de Laranjal, enquanto Zico Moreira, de Conchas, enfrentará Eugênio Bueno, de Tatuí.

Explica-se, pois, o interesse geral. Discussões esboçam-se, aqui e além. Expõem-se teorias. Mesmo porque há dúvidas sobre os fatores que moldaram o cururú, essa dança híbrida, que se diz formada com elementos musicais brancos, negros e índios, — essencialmente planaltina.

HISTÓRICO E HIPÓTESES

O cururú teve, indubitavelmente, origem religiosa. É que se infere do cunho místico de seu motivo central. E, correlata, a proibição de entoarem-se versos amorosos. De resto, foi com tal feição que o cantam, no Interior, "em frente a um oratório, ou altar improvisado, com folhas de palmeiras em arco, num salão", como nota Cornélio Pires, em seu interessante livro "Sambas e Cateretês".

"O cantador novato cai, às vezes, na tolice de cantar versos de amor antes da meia noite, e o resultado é levar um **trote**, ou ser expulso da ródá" (pág. 53, op. cit.)

Em apóio do que vimos de afirmar, aí estão os versos abaixo, coligidos algures pelo folclorista citado:

— Meu amigo cantarino,
Isso vae lá pra seu lado:
Gosto de vê **cantadô**,
Na "carreira do Sagrado".
Aqui é preciso **louvá**
Bão Jesus Crucificado,
E as **image** deste artá,
Tão bonito **aperparado**.

Mas, às vezes, o cantador irrita-se. É que o antagonista cometeu algum deslize, introdu-

zindo matéria profana no descante. Então, dogmático e agressivo, ele adverte:

— Do geito da vóis, cantó,
É geito de marcriado!
Cantadô de sua iguaia,
Inda não tenho encontrado.
Num canta na religião,
Fala só barbaridade:
Eu gosto de tirá a cisma,
Daqueles que são cismado....

Depois de ouvir-se um desafio desses, parece evidente tratar-se de uma **folk-dance**, criada ou estilizada sobre motivos religiosos, talvez para a conversão do gentio.

Disse-c, expressamente, Agostinho Aguiar, em uma de suas "módas". Mas, divergem os entendidos. Agostinho atribue-o aos jesuitas. Luiz Sala, porém, sustentou certa vez, na "Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo", tese diametralmente oposta.

O cururú só teria aparecido nas regiões paulistas, não alcançadas pela catequese jesuítica: S. Luiz do Paraitinga, Conchas, Laranjal, Piracicaba. Seria, pois, uma criação de outras ordens religiosas, — franciscanos, capuchinos, dominicanos, — ensaiando a coreografia de uma dança nova, que congregasse os selvagens, nos dias de festas litúrgicas. Como a Companhia de Jesús o havia feito, aproveitando-se do catequético, estilizado por Anchieta.

O cururú exerceria, portanto, a mesma função social e culturalizante do catira. Ter-se-ia criado para **leit-motiv** de festividades, como substitutivo das **poracés** aborígenes, nos aldeamentos em que não figurassem companheiros de Lolola.

Tudo parece confirmar essa hipótese: a inexistência do cururú em Itaquaquecetuba, em Itanhaen, na zona tradicional da Bragantina, em Taubaté, em Guaratinguetá e Cruzeiro, — em todas as localidades de penetração lololana.

Outrora, o elemento coreográfico ligava-se, intimamente, aos descantes. Hoje, parece manter-se, apenas, na variante chamada "Dança de S. Gonçalo". Nas demais, só alguns vestígios sobrevivem: o nome de "posi-

ção", desde à ordem em que se sucedem os cantadores: algumas contorsões, ou giros lentos dos cururuzeiros, ao finalizarem a "móda". Nada mais.

A FORMA ATUAL DO CURURÚ

A folk-song compreende, hoje, as seguintes fases:

1.^a) — A **carreira**, ou seja, a fixação da rima pelo violeiro. Se rimam 50% dos versos. Geralmente alternados. O cantador Roque prefere, porém, as rimas emparelhadas, sendo o primeiro e o quarto versos brancos.

2.^a) — O **levante**, — música inicial, em tom de falsete, invariável em cada cantador;

3.^a) — A **saudação** aos presentes;

4.^a) — A **lição**, — trecho de história bíblica versejada;

5.^a) — A **louvação**, — elogio a alguém;

6.^a) — A **recusação**, resposta às provocações dos demais cantadores;

7.^a) — O **baixão**, em que se repete o tema inicial.

* * *

E os cantadores, até hoje, ainda desenvolvem os seus descantes, dentro dessas diretrizes. Todos os figurantes do "Bar Balalaika" seguiram a ordem costumeira.

Agostinho Aguiar, em "primeira posição", entoa o **levante**:

— Eh, la, la, lai, lai,
Lai, lai, lai, la, la, la, ai!

E continua:

— Ó meus senhores, primeiro peço
desculpas,
Peço desculpas, de não pegar de mão
em mão:
Os senhores sabem que eu sou uma
pessoa só,
Os senhores sabem que os senhores
são uma porção...

Diz que vai explicar ao público a evolução do cururú. Dá, em versos, um apanhado da situação no Brasil-Colônia. História a cate-

quese. As "bandeiras". A obra das "reduções" missionárias. A necessidade de "amansar" os índios, através da música e da dança. E termina:

— Este foi o começo, que começou
o cururú,
Foi progredindo, até chegar nessa
situação...

Apresenta os outros cantadores. Em fraseado pitoresco, afirma que estranham estarem cantando na Capital, — "a Capital, terra rica em nossa Nação"... Justifica-se, contando que um redator do "Planalto" ao ouvi-lo cantar, convidou-o a vir até São Paulo. Mas, êle não veio sozinho. E explica, singelamente, a elegancia de seu gesto, indo buscar os rivais de outras cidades, para a audição a que assistimos:

— Elles se espantaram de me
ouvir cantar.
Eu respondi que havia outros
mais **bão**:
Porque Agostinho nunca foi
pobre soberbo,
O que eu tenho, eu reparto
co'os irmão...

Então, depois, o **baixão**, reforçado pelo dedilhar da viola. Enquanto dois outros cantadores tocam o reque-reque e percutem, levemente, o pandeiro, num rufo discreto e lasso.

* * *

O segundo cantador, já está apresentado. Pode seguir a linha tradicional. Desfere o **levante**, e arremata, logo a seguir:

— E ai!
Este é meu primeiro verso,
E ai!
Eu vô fazê uma saudação:

Narra, em versos bem metrificados, o martírio de São João. Depois afirma:

— Já cantei e já saudei:
Já fiz minha obrigação:
Vou agora conversar,
Com os amigos do salão.

Vira sobre si mesmo, saúda com a cabeça, e começa o desafio. É a **recusação**. Os animos esquentam-se. Crítica versos de Agostinho. E termina com um **baixão**.

* * *

É a vez do terceiro cantador. Seu **levante** é mais alegre:

— E, la, la, la, la
la, rá, la, rá...

Ai!
Eu vô pedi licença
Pra **fazê** minha obrigação:
Eu sei que a licença eu tenho,
Mas eu sei que sempre é **bão**...

Porque esta dança é religiosa,
Pra quem tem religião:
Ella veio lá de Roma,
Para o fundo do sertão,
É dança de caipira,
Mas é **chamá** a atenção.

Para "louvar a criação do mundo", faz em versos bem lançados, a narração cosmogônica do Genesis, entremendo-a com variações mitológicas. E até astronomia. Desde o início. Quando Deus criou a luz,

"... E as trevas **chamô** noite,
E o dia claridão..."

até o último estágio:

Quando foi no sexto dia, ai!
Foi que Deus creou Adão;
E colocou no Paraíso,
Pra **fazê** habitação
Mas pra **vivê** sosinho
Elle não achava **bão**... ai!

(Conclúe no próximo n.º)

Varias...



GUILHERME LEANZA

BOAS FESTAS — Agradecemos a todos nossos amigos e entidades as Boas Festas, que nos enviaram.

GUILHERME LEANZA — Ilustra esta página, o retrato do ilustre e jovem compositor brasileiro Guilherme Leanza, autor da linda composição "A tarde cá..." (p. vozes), publicada em Dezembro, no IX Suplemento Musical desta revista.

AVE MARIA — X SUPLEMENTO MUSICAL — "Resenha Musical" publica com este número o seu X Suplemento: Ave Maria (p. canto ou órgão), de J. Arcadelt (1514-1557), pertencente a Escola Franco-Flamenga.

FESTAS DE FORMATURA — Recebemos e agradecemos os convites:

Da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; da Academia de Comércio "Horácio Berlinck", de Jaú, paraninfo: dr. Guilherme Leanza; do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo e do Instituto Musical de S. Paulo.

LA RUE, de Artur Bosmans — O poema La Rue, do jovem compositor e regente belga Artur Bosmans, atualmente residente no Rio de Janeiro, foi executada com êxito no grande concerto sinfônico realizado em Bruxelas, sob a regência do maestro holandês Eduard Van Beinum, realizado em 20 de Dezembro passado.

AUDIÇÃO DE ALUNOS — Promovido pela competente professora Maria Pagano Botana, realizou-se a 18 do corrente, no Auditorium da Rádio Tupi de S. Paulo, uma audição musical de seus talentosos alunos.

CLUB HOMS — No dia 4 do corrente, realizou o Club Homs, em sua sede social, um festival artístico dedicado aos filhos dos seus sócios.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

PUBLICAÇÕES: REVISTA DE BRIDGE, S. Paulo; O MUNICÍPIO, jornal, de Tanabi; NOVA LURDES BRASILEIRA, de Niterói; MENSAGEM, Belo Horizonte, Minas Gerais; BOLETINS da B. B. C., de Londres, Inglaterra; REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA, Rio de Janeiro.

ATIVIDADES DA FILARMÔNICA DE BRUXELAS: A temporada de concertos de 1941-1942, promovida pela *Société Philharmonique*, de Bruxelas, iniciada em Outubro do ano findo e que encerrar-se-á em 12 de Dezembro dêste ano, compõe-se de 8 concertos sinfônicos, sob a regência dos grandes chefes de orquestra De Vocht, Franz André, Gaston Peelaert, Eduard Van Beinum, Charles Munch; 12 de música de câmara, a cargo do Quarteto Vocal de Bruxelas, grupo Pró-Música Antiga, Quarteto Desclin, Trio Piette, Quarteto Van Neste, Dois Pianos: Thauvoye e Collaer, Quarteto Groote, e dos artistas Anspach, Collaer, Costy e outros; 10 recitais de piano ao título "A História do Piano", a cargo dos artistas, Eduardo del Pueyo, afamado pianista espanhol; André Dumortier, Engène Traey, um dos grandes pianistas belgas; Philippe De Clerck, distinto pianista da nova geração belga; Emile Bosquet, que ocupa lugar proeminente na vida artística da Bélgica.

"CONCIERTOS DE LA NUEVA MUSICA" DE BUENOS AIRES — Esta agrupação artística da Capital portenha, realiza desde há cinco anos, um ativo trabalho de divulgação da música contemporânea, de todas as escolas e tendências. Dessa atividade formidável, damos em resumo uma lista informativa dos concertos de 1941: Maio, 29, Na Nueva Música, XXIV Audição, Sofia Knoll e Juan Carlos Paz (piano), Angel Martucci (flauta), San Liberman (saxofone); Julho, 31, XXV Audição, Liselott Reger-Jacob (canto), Anita Sujovolsky (violino), Hilde Heinitz de Weil (viola), S. Knoll e J. C. Paz (piano), S. Libermann (saxofone); Setembro 13, XXVI Audição; A. Sujovolsky (piano), Freya Wolfsbruk (canto), S. Knoll e J. C. Paz (piano); Outubro, 2, XXVII, Audição, Concerto Conferência pelo prof. Juan Carlos Paz; Outubro, 21, XXVIII Audição, em homenagem aos maestros Aaron Coplan e Nicolás Sloninsky, a cargo dos artistas A. Sujovolsky e F. Heltay (violino); Hilde Heinitz de Weil (viola) S. Knoll, N. Sloninsky e Aaron Copland (piano), E. Eitler (flauta), Ferman Weil (célo); Outubro, 27, início do curso "Aspectos Vitais da Música de Hoje" do prof. Juan Carlos Paz; Novembro, 27, XXIX Audição, Noemi S. de Gramajo (canto), A. Sujovolsky (violino), Luiza A. Dutrie Lobo, J. C. Paz e S. Knoll (piano), E. Eitler (flauta). Foram executadas obras de Schonberg, A. Hába, E. Krének, A. Berg, P. Pisk, K. Reiner, E. Wellesz, S. Osterc, H. Kauder, E. Toch, D. Zébre, C. Chavez, Roy Harris, H. Cowell, Aarón Copland, H. Sessions, D. Milhaud, A. Webern, C. Beek Béla Bartok, P. Iarnach, L. Saminsky, e de muitos outros.

EDIÇÕES MUSICAIS — "Resenha Musical" publicará no próximo número a apreciada secção "Edições Musicais". Serão comentadas muitas obras que foram enviadas para a Biblioteca desta revista.

NOTÍCIAS DO PERÚ — Na Temporada Lírica, realizada em Lima, no ano findo, tomaram parte, dentre outros, os cantores Domingo Mastronardi, Amélia Flores, Gianina Pieri, Carlos Sturla, Pedro Muniz, Rodolfo Martinuzzi, Félix Anda, Mário Eglar, maestro Tino Cremagnani; a 18 de Novembro, o maestro Federico Gerdes, regeu um

concerto extraordinário, da Temporada de 1941, a Orquestra Sinfônica Nacional de Lima; a 23, do mesmo mês, Ballet Rosita Rios, regendo a orquestra o maestro Barbacci; nos dias 21 e 28 de Novembro, 5 e 12 de Dezembro do ano passado, regeu a Orquestra Nacional, o ilustre maestro mexicano Carlos Chaves; em 23 de Dezembro, 1941, concerto da cantora peruana Alina de Silva; o pianista polaco Witold Malcunzynski, fez-se ouvir quatro vezes, em Lima; e, finalmente, registamos os quatro concertos sinfônicos da Orquestra Nacional, sob a regência do maestro Erich Kleiber.

"RESENHA MUSICAL" NO PARANÁ:

MOVIMENTO ARTÍSTICO — ACADEMIA DE MÚSICA DO PARANÁ — Curitiba, a bela e progressista Capital paranaense, teve durante o ano findo intenso movimento artístico. Vários foram os artistas de grande nomeada que por ali passaram em 1941, bastando citar os memoráveis concertos de Madalena Tagliaferro, Arnaldo Estrela e Adolfo Tabacow para se aquilatar da importância da acolhedora "cidade-sorriso" como centro artístico.

Além dos concertos de artistas de fora, porém, diversas foram as realizações de arte e audições promovidas por elementos locais e pelas escolas de ensino musical de Curitiba. Entre estas, cumpre destacar a Academia de Música do Paraná, dirigida pelo acatado professor Antônio Melillo, e que, além de outras anteriores, realizou a 26 de Dezembro mais uma magnífica audição que, pode-se dizer, encerrou com chave de ouro o ano artístico no Paraná. Em homenagem, que foi, ao dd. Comandante da 5.^a Região Militar, General Pedro Cavalcanti, reuniu essa audição no salão do Clube Curitibano o elemento mais representativo no mundo social, artístico e intelectual curitibano.

Constou o programa de números de piano solo, na primeira parte; canto coral, na segunda, consagrada exclusivamente a autores brasileiros; e 2 pianos a 4 mãos, na terceira. A audição da Academia de Música do Paraná, pelo sucesso que alcançou, valeu por uma consagração aos altos méritos artísticos do ilustre professor A. Melillo, nome exponencial nos meios musicais do vizinho Estado, e a quem, pelo seu trabalho em prol da arte, "Resenha Musical" aplaude e felicita.

NOVIDADE!
Quertzodont
CREME DENTAL LIQUIDO
NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS,
PERFUMARIAS, ARMARINHOS
E NAS FARMACIAS CATEDRAL:
PRACA DA SÉ, 152 E LARGO 7 DE SETEMBRO, 30

A Sair, Brevemente!



Agostino Cantú

TRÊS PEÇAS FÁCEIS PARA CRIANÇAS

- 1) O Garotinho Alegre
- 2) O Urso do Circo
- 3) João Minhoca

EDIÇÕES I. M. L.

SÃO PAULO



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO
Executam-se sob encomenda em qual-
quer estilo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

Santa Helena Ltda.

Matriz — São Paulo

R. ANTONIO DE QUEIROZ, 183

Fone: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:

R. DO OUVIDOR, 123 — 1.º ANDAR

Fone: 22-9054

TINTURARIA



SAXONIA

LAVAM — LIMPAM — TINGEM-SE

Oficina e Escritório:

Rua B. de Jaguará, 980 — Tel. 3-7214

Agência:

Rua Senador Feijó, 50 — Tel. 2-2396

O

BRINDE

ESTÁ NA

Qualidade



Café

Palmeiras

EXTRA

FINO

Of. Gráf. "Legionario" — Rua Imaculada Conceição, 59 — Tel. 5-1536 — S. Paulo